

Uma aragem de otimismo sobre a questão da dívida

Os sinais de que o angustiante problema da dívida externa dos países em desenvolvimento caminha rapidamente para um equacionamento diferente que reduza drasticamente seu peso sobre as economias afetadas crescem a cada dia. Eles estão presentes nas declarações de altos funcionários do governo Bush sobre a questão, no destaque dado ao tema da dívida na reunião extraordinária dos ministros de finanças dos sete países mais industrializados, que se inicia hoje em Washington, e no surpreendente consenso verificado no recente Fórum Econômico Mundial de Davos, onde ficou patente que o **imbroglio** do endividamento está saindo de um inverno tenebroso para ingressar numa fase de degelo de primavera.

Embora os observadores dos países desenvolvidos não estejam esperando grandes mudanças imediatas na política dos EUA, existe a impressão generalizada de que haverá medidas para estimular uma redução voluntária da dívida por parte dos bancos comerciais. E o mais importante é que essas medidas poderão ser tomadas em conjunto por todos os membros do chamado G7. "Queremos lançar a base para um entendimento comum sobre onde estamos" (no problema da dívida), disse um alto funcionário do governo Bush ao jornal **Washington Post**, ao comentar a agenda do encontro que vai reunir os ministros das finanças e os presidentes dos bancos centrais dos sete países, além do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus.

O objetivo dessa reunião será a discussão de alterações nos regulamentos e impostos concebidas para incentivar os bancos comerciais a entrarem nos programas de redução da dívida que beneficiarão os países devedores. Cautelosos como sempre, os funcionários norte-americanos responsáveis pelo preparo das conversações recomendaram à imprensa que não crie "altas expectativas", mesmo porque os primeiros resultados palpáveis somente surgirão em abril por ocasião da reunião de primavera do FMI-Bird, em Washington.

Idêntica prudência foi manifestada pelo subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, durante o encontro de Davos. Ele disse que os Estados Unidos continuarão insistindo numa abordagem do tipo caso a caso, a fim de que seja possível acompanhar em pormenores os esforços de cada país endividado no sentido de fazer as reformas internas exigidas para a continuidade do crescimento econômico. Tanto os norte-americanos quanto os demais membros do G7 estão de acordo sobre a necessidade de aliviar o peso da dívida, um obstáculo à expansão econômica.

Apesar dessa intervenção de Mulford ter sido considerada contrária à sugestão do presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, no sentido da criação de uma nova agência internacional para comprar, com deságio, a dívida dos países em desenvolvimento, o governo brasileiro teria recebido informações de fontes diplomáticas de que a posição de Mulford não representa a nova política norte-americana, tida como muito mais flexível e aberta às soluções criativas. Segundo fontes do Itamaraty, o presidente Sarney tem planos de conversar sobre o assunto com o presidente Bush, em Tóquio, dia 24, quando ambos estarão assistindo aos funerais do imperador Hiroito.

De acordo com o noticiário mais recente, o pedido de empréstimo-ponte feito pelo governo brasileiro ao governo americano está condicionado, entre outros fatores, ao resultado da avaliação técnica das medidas do Plano Verão, que, segundo nosso correspondente em Washington, provocaram algumas críticas, em razão da mudança na política salarial feita pelo Congresso. Para especialistas do governo dos EUA, "as medidas para equilibrar os salários praticamente estão reintroduzindo a indexação. Assim, os salários vão continuar pressionando os preços". Os técnicos, da mesma forma que os economistas brasileiros, ainda não têm certeza de que o governo conseguirá cortar suas despesas.

A reunião do G7, por sua vez, é encarada como um evento importantíssimo para os países devedores da América Latina e do resto do mundo. Acredita-se que os EUA e os demais participantes tentarão encorajar os banqueiros privados a apoiar uma nova estratégia que prevê a redução da dívida. Além disso, o encontro será a primeira oportunidade para que Bush defina a sua política econômica internacional.

O momento para essa reunião de cúpula não poderia ser mais oportuno, pois a economia mundial, depois de duas décadas de relativa estagnação, está ingressando num ciclo de expansão mais acelerada, sob o impulso da tecnologia e do aumento do comércio internacional. Esta é a mensagem otimista que cerca de mil empresários, políticos e dirigentes de 60 países, reunidos no Fórum Econômico Mundial, enviaram para os quatro cantos da Terra. A prosperidade econômica não só pode facilitar a solução para o problema da dívida que vai ser apresentada pelos membros do G7, como também impulsionar o crescimento dos países em desenvolvimento, sobretudo daqueles que conseguirem resolver mais rapidamente as suas dificuldades internas (déficit público, inflação e excesso de envolvimento do Estado na economia) e caminharem para um processo de modernização mediante a abertura de seus mercados aos investimentos estrangeiros e ao comércio internacional.

Enfim, é todo um novo período de expansão que começa. Oxalá a teimosia dos nossos políticos e a xenofobia que tem caracterizado a atuação do Congresso, notadamente nos dias em que funcionou como Assembléia Constituinte, não atrapalhem o ingresso do Brasil no grupo dos países desenvolvidos. Esse é o único obstáculo que precisa ser superado, pois nossa economia está plenamente madura para dar um novo salto rumo ao desenvolvimento de suas enormes potencialidades.